

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA E CARTOGRAFIA INCLUSIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE: A VISÃO DOS LICENCIANDOS

Lívia Thaysa Santos de Albuquerque Gama ¹
Jacqueline Praxedes de Almeida ²

RESUMO

Uma educação na perspectiva inclusiva busca garantir o acesso, a permanência na escola e a aprendizagem de todos os estudantes, independentemente de suas necessidades. Para tanto, se faz necessário que os cursos de licenciatura, proporcionem alicerces teóricos e metodológicos para que os professores, estejam aptos a exercer seu papel educativo com todos os alunos. Para a defesa desse princípio, será focado aqui as ideias de Cavalcanti (2013); Almeida e Passini (2006); Castellar (2015); Morais (2023); Jordão (2019) e Mantoan (2003). Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo discutir as questões ligadas a formação docente para o ensino de Geografia em uma perspectiva de inclusão, através do uso de metodologias inclusivas no processo de alfabetização cartográfica dos discentes com deficiência visual. Este trabalho também apresenta a visão dos licenciandos de uma turma do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, campus Arapiraca, sobre a abordagem e ensino de temáticas relacionadas à inclusão no seu processo de formação, bem como suas impressões sobre as contribuições da oferta de uma oficina formativa realizada durante o Estágio de Docência na disciplina, Saberes e Metodologias do ensino de Geografia 2. Para a realização da investigação foi utilizado a aplicação de um questionário via Google Formulários. Entre os resultados obtidos foi possível constatar que na formação inicial dos sujeitos inquiridos havia fragilidades em relação ao estudo e aplicação de metodologias inclusivas no ensino da Geografia, bem como o desconhecimento sobre a existência da Cartografia Tátil, não sendo essa falta suprida pelo curso de formação.

Palavras-chave: Formação de professores, Ensino, Geografia, Cartografia Tátil, Educação inclusiva.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia na Educação Básica deve ter entre seus objetivos preparar os alunos para realizar a leitura de mapas entre outros elementos cartográficos. Nessa perspectiva, Almeida e Passini (2009, p. 15) evidenciam que “ler mapas [...] significa dominar esse sistema semiótico, essa linguagem cartográfica. E preparar os alunos para essa leitura deve passar por preocupações metodológicas tão sérias quanto a de se ensinar a ler e escrever, contar e fazer cálculos matemáticos”.

¹ Mestranda do curso de Pós-graduação em Ensino e Formação de Professores da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, livia.gama@igdema.ufal.br;

² Doutora pela Universidade de Évora. Professora do curso de Licenciatura em Geografia, IGDEMA/UFAL e do curso de Pós-graduação em Ensino e Formação de Professores, UFAL, Campus Arapiraca, jacqueline@igdema.ufal.br.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o processo de alfabetização cartográfica é de fundamental importância para o ensino de Geografia em todos os níveis, sobretudo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, devendo o professor, nessa etapa da Educação Básica, “[...] se preocupar em propor atividades que desenvolvam conceitos e noções mais do que um conteúdo sistemático” (Almeida; Passini, 2006, p. 26-27). Nesse contexto, as autoras esclarecem que

[...] o professor deve levar o aluno a estender os conceitos adquiridos sobre o espaço, localizando-se e localizando elementos em espaços cada vez mais distantes e, portanto, desconhecidos. A apreensão desses espaços é possível, [...] através de sua representação gráfica, a qual envolve uma linguagem própria – a da Cartografia –, que a criança deve começar a conhecer. Cabe ao professor introduzir essa linguagem e através do trabalho pedagógico, levar o aluno a uma penetração cada vez mais profunda na estruturação e extensão do espaço a nível de sua concepção e representação (Almeida; Passini, 2006, p. 27).

Para Jordão (2019, p. 94), a Cartografia é “[...] arte, método e técnica de representação dos espaços geográficos. Sua função é facilitar a compreensão espacial de objetos, processos, fatos, condições, conceitos, ansiedades do mundo humano”. Nessa compreensão, Ribeiro e Ghizzo (2012) complementam afirmando que a Cartografia é a arte de construir mapas e cartas a partir das observações que podem ser realizadas *in loco* ou através as imagens de satélites.

A Ciência Cartográfica possui ramificações estando, dentre elas, a Cartografia Tátil, que é o ramo da Cartografia responsável pela adaptação de materiais cartográficos para alunos com deficiência visual. Nesse sentido, para Jordão (2019, p. 95), “A Cartografia Tátil é, portanto, um ramo de interface entre a Geografia e a Cartografia, tendo em vista que contribui para o ensino de conteúdos geográficos também para estudantes com deficiência visual”.

Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo discutir como o trabalho de Alfabetização Cartográfica através da Cartografia Tátil opera no ensino de Geografia numa perspectiva inclusiva, assim como também aborda sobre a formação docente e sua importância no cenário da inclusão. Esse trabalho também tem por finalidade apresentar o resultado da investigação realizada com alunos do curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, sobre a formação inicial e o preparo para a atuação com a Cartografia Tátil nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como quais foram as suas impressões sobre a oferta de oficinas sobre Cartografia Tátil mediante uma intervenção no Estágio Docência.

O percurso metodológico para a realização da investigação aqui apresentada foi o da pesquisa-ação, sendo realizado um levantamento dos conteúdos abordados e posteriormente a realização de uma oficina formativa. Utilizou-se também de aplicação de um questionário via

Google Forms, com a finalidade de obter informações acerca da percepção dos licenciandos sobre a oficina ofertada. A partir da devolutiva dos alunos foi possível constatar que há lacunas no processo formativo relacionadas a temática proposta, e que as experiências vivenciadas por eles a partir da oficina formativa possibilitaram reflexões em relação aos conteúdos ministrados em uma perspectiva inclusiva, tendo como resultado um processo de ensino-aprendizagem satisfatório.

INCLUSÃO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE GEOGRAFIA

Pensar o processo de ensino-aprendizagem em uma perspectiva inclusiva é pensar em uma escola que respeite as diferenças e que garanta a aprendizagem a todos independente de suas especificidades, nesse sentido, cabe destacar que a Educação Inclusiva é garantida tanto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, quando pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015, que asseguram o direito à educação a todos os alunos. Nesse contexto, evidencia-se a importância de se buscar metodologias de ensino que possam garantir a aprendizagem de todos os estudantes de forma igualitária, bem como, que a escola enquanto instituição social responsável por educar e acolher os indivíduos, busque meios de incluir de fato as pessoas com deficiência no espaço físico e nas suas práticas.

Mantoan (2003, p. 20) afirma que a “[...] a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno”. Nesse contexto, a autora faz menção ao abalo na identidade docente quando este se depara com situações em que precisa lidar com a inclusão em sua prática pedagógica cotidiana, esse abalo ocorre na maioria das vezes em razão de o professor não se sentir preparado para dar conta de incluir o aluno com uma demanda diferenciada em suas aulas. Dentre os motivos geradores da dificuldade e insegurança docente em atuar com pessoas com deficiência (PCD) está a falta de uma formação inicial que proporcione alicerces teóricos e práticos para a promoção da inclusão, situação essa que pode vir a ser suprida pela formação continuada. Para Castellar (2015, p. 55), “a formação continuada, [...] é importante para viabilizar o acesso a conteúdos e metodologias aperfeiçoadas ao professorado que já atua a muitos anos na educação básica e mesmo aqueles que possuem pouca experiência com a prática docente. A autora ainda complementa afirmando que “[...] são poucos os investimentos institucionais em formação de professor, a qual deveria ser continuada (Castellar, 2015, p. 55). No caso das escolas da rede pública, a formação continuada dos

professores fica a critério das Secretarias de Educação de cada município (SEMED) e no estado pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC).

A formação de professores deve ser, nesse sentido, contínua, por se tratar de uma profissão que passa por mudanças constantes e por apresentar uma demanda heterogênea. Os professores, devem manter-se atualizados e preparados para superar desafios e instigados a buscar estratégias metodológicas diversas.

Em relação ao ensino da Geografia, Cavalcanti (2013, p. 21), afirma que “quanto aos aspectos pedagógicos-didáticos das propostas de ensino de Geografia, persiste a crença, explícita ou não, de que para ensinar basta o conhecimento do conteúdo da matéria focado criticamente”. Logo, segundo a afirmação da autora, ainda é possível identificar traços de um ensino tradicional, pois, apenas o trabalho voltado a promover reflexões críticas acerca da realidade cotidiana não basta para garantir a aprendizagem de todos os alunos. Nessa perspectiva, Castrogiovanni *et. al.* (2011, p. 22), afirma que

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como sujeito repleto de experiências de vida, com curiosidades sobre o mundo que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem está na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como um mero receptor de verdades absolutas, mas como um sujeito que cria, que pode transformar e tecer dúvidas.

Com efeito, na formação de professores o ensino de Geografia ainda é trabalhado, na maioria das vezes, de forma precária, incluindo no que se refere ao uso de metodologias voltadas para a inclusão. Assim, em uma perspectiva inclusiva de ensino e educação, a Geografia avança continuamente em busca de estratégias capazes de suprir as necessidades dos alunos e profissionais cada vez mais envolvidos e comprometidos em tornar a educação inclusiva efetiva. É nesse contexto que a Cartografia Tátil se apresenta como metodologia inclusiva para o ensino de Geografia destinado principalmente a pessoas com deficiência visual.

O USO DE METODOLOGIAS INCLUSIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO CARTOGRAFICA PARA DEFICIENTES VISUAIS

Carmo (2019), assevera que a Geografia faz uso de linguagens como forma de representação e expressão de seus conceitos, sendo uma dessas linguagens a cartográfica. No caso da Cartografia, ela “[...] pode permear o desenvolvimento da aprendizagem de todos os

conceitos da Geografia, pois possibilita sintetizar informações, expressar conhecimentos e estudar situações da produção do espaço, sua organização e distribuição” (Carmo, 2019, p. 129).

Nesse contexto, Jordão (2019, p. 93) complementa afirmando que

[...] a linguagem cartográfica encontra-se apoiada em elementos gráficos/visuais e táteis, tais como as cores, saturação, tonalidade, tamanho e, no caso da Cartografia Tátil, texturas. Acompanhando esses elementos, está a parte textual de um mapa, ou seja, a legenda, a escala, o título, os nomes dos lugares ou dos objetos, dentre outros, que podem estar apresentados em braile para se tornarem acessíveis aos usuários com cegueira.

Partindo dessa premissa, Ventrini, Silva e Rocha (2019, p. 111) afirmam que “a Cartografia Tátil é uma área específica da Cartografia que tem como objetivo investigar procedimentos metodológicos de construção e de uso de conhecimentos cartográficos para o Ensino, para a Mobilidade e para a Orientação de pessoas com deficiência visual”.

A alfabetização cartográfica é fundamental no ensino da Geografia desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois é nessa modalidade que os indivíduos iniciam o contato com a aprendizagem do que seria mobilidade e orientação, para tanto, a adoção de metodologias inclusivas na prática docente é primordial quando consideramos o objetivo final do processo de ensino que é a aprendizagem de todos os estudantes. Nesse contexto, ao definir a Cartografia Tátil como metodologia de ensino inclusiva no ensino de Geografia, é fundamental saber que esta “[...] contribui com a equidade nos objetivos da Geografia Escolar” (Morais, 2023, p. 124). Torna-se necessário, também, compreender a sua aplicação de forma efetiva, assim como são produzidos os seus produtos, que são os mapas e maquetes táteis.

Segundo Jordão (2019) as produções dos mapas táteis podem ser divididas em artesanais e em larga escala, sendo essa divisão baseada na velocidade em que é produzido o material. As técnicas artesanais são subdivididas entre a técnica de colagem, técnica de alumínio e técnica da porcelana fria. Enquanto as técnicas para larga escala podem ser desenvolvidas a partir do uso da impressora braile, reprodução na máquina de *thermoform* e prototipagem rápida. Além de outras técnicas, como por exemplo, a serigrafia, uso de resina e de roteadora, papel microcapsulado, dentre outras.

A técnica de colagem “consiste na utilização de materiais encontrados nas papelerias e/ou armarinhos para a produção” (Jordão, 2019, p. 96). Em relação a Técnica da porcelana fria, “também conhecida como massa de modelar, [...] ganha destaque, pois permite a representação de superfícies curvas, como por exemplo, o globo terrestre, já que sua modelagem é possível até com a pressão dos dedos. [...] além de poder receber cores, pode também ser texturizada [...] pode ser aliada a outras técnicas como a colagem” (Jordão, 2019, p. 97). Ambas

as técnicas mencionadas são de origem artesanal, no entanto, a de colagem, “[...] é mais utilizada em território nacional pelos professores devido à acessibilidade do material usado e ao seu baixo custo. Entretanto, sua durabilidade não é longa, sendo necessários reparos contínuos ao material produzido” (Jordão, 2019, p. 96). Vale destacar que as técnicas de produção em larga escala são utilizadas em menor proporção devido ao custo ser alto, e ao pouco acesso dos professores e instituições escolares e mesmo universitárias, aos equipamentos.

Portanto, existem muitas possibilidades de adaptação de material cartográfico para o professor fazer uso em suas aulas e desse modo, tornar o ensino de Geografia inclusivo e efetivo, de fato. Para tanto, carece que haja na formação inicial e na continuada de professores uma perspectiva de ensino inclusivo.

METODOLOGIA

O presente trabalho é parte resultante de uma intervenção realizada no Estágio de Docência no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, campus Arapiraca. O referido estagio ocorreu na disciplina de Saberes e Metodologia do Ensino de Geografia 2 (PEDA123). As ações da intervenção realizada seguiram embasadas na necessidade, percebida no decorrer da observação e acompanhamento das aulas, de oferta de uma formação específica no trato com a alfabetização cartográfica em uma perspectiva inclusiva, considerando as fragilidades existentes nos cursos de formação de professores relacionadas ao acesso ao conhecimento sobre Cartografia Tátil (Gama; Almeida, 2023).

O estudo aqui apresentado é caracterizado como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa tendo como objetivo “[...] compreender determinados fenômenos em profundidade. Isso implica explorá-los e descrevê-los por diversas perspectivas, além de compreender os significados e as interpretações que os participantes da pesquisa atribuem a esses fenômenos e suas experiências” (Mattar; Ramos, 2021, p. 131). Logo, os procedimentos para coleta de dados seguiram os moldes adotados pela pesquisa-ação que

[...] pressupõe uma orientação para a prática, na forma de um ciclo que abrange: a identificação de um problema ou uma área para o desenvolvimento, o planejamento de uma ação ou intervenção para transformar a realidade, a implementação do plano de ação e a avaliação e reflexão sobre os resultados. Esse ciclo envolve o monitoramento e a reflexão em todas as etapas, configurando-se como uma espiral de planejamento, ação e avaliação [...] (Mattar; Ramos, 2021, p. 155).

Nesse contexto, optou-se por trabalhar a partir de uma oficina formativa abordando a Cartografia Tátil como metodologia inclusiva no ensino de Geografia para alfabetização cartográfica de alunos/as com deficiência visual desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A operacionalização da oficina se deu a partir de dois momentos, sendo o primeiro utilizado para trabalhar o arcabouço teórico e o segundo para a confecção de mapas e maquetes táteis pelos licenciandos. Após a finalização, foi direcionado um questionário via *Google Forms* contendo cinco perguntas, sendo quatro delas subjetivas e uma objetiva, conforme indica o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Questionário sobre as percepções dos licenciandos acerca da oficina realizada

Nº	Questões
1	Durante o curso, antes desse momento, houve conteúdos que abordassem o uso de metodologias e de recursos voltados para a educação de pessoas com deficiência nas aulas de Geografia? Se sim, quais?
2	2. No decorrer da sua formação, você já tinha ouvido falar ou estudado sobre Cartografia Tátil?
3	Você acha que ter acesso a esse conhecimento durante a graduação é importante para a formação docente? Justifique.
4	Você acha que ter acesso a esse conhecimento durante a graduação é importante para a formação docente? Justifique.
5	Você acha que o curso oferece bases para que os futuros profissionais possam lecionar, incluindo a Geografia, para crianças com deficiência? Justifique.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

O questionário contido no Quadro 1 foi enviado para dezesseis discentes, dos quais quatorze responderam aos questionamentos acerca das contribuições da oficina para sua formação enquanto futuros professores. Diante do exposto, destaca-se que adiante serão discutidos os resultados obtidos através das respostas dos participantes a luz do arcabouço teórico que alicerça o presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas indicadas pelos licenciandos inquiridos, que participaram da pesquisa, foi realizada a análise sobre o acesso a conteúdos relacionados a Educação Inclusiva, mais precisamente sobre Cartografia Tátil no Ensino de Geografia, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, campus Arapiraca, anterior a oferta da oficina ministrada durante o Estágio de Docência na disciplina, Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia 2, bem como quais foram as contribuições que esta possibilitou na formação dos licenciandos.

Com a finalidade de manter os preceitos éticos, o anonimato dos/as alunos/as participantes, eles/as serão identificados/as pela letra A e pelos números de 1 a 14. (Gama; Almeida, 2023).

Sobre o primeiro questionamento que se destinava a investigar se os participantes já tinham tido acesso a metodologias voltadas para a educação de pessoas com deficiência nas aulas de Geografia anteriormente a oficina oferecida, a maioria respondeu que não, no entanto, alguns destacaram que

Não havia visto e fiquei extremamente feliz de ter contato com ela em minha formação, creio que a oficina me permitiu sentir de forma mais concreta o que é a inclusão (A3).

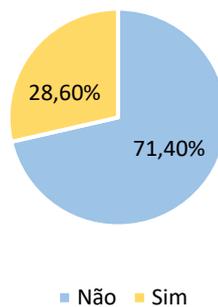
Especificamente para a disciplina Geografia, não. Mas, na disciplina de Educação Inclusiva tivemos contato, porém, um contato limitado, uma vez que a disciplina ocorreu de forma online (A7).

Sim, a matéria de Educação Inclusiva (A8).

O segundo questionamento buscou saber se no decorrer da formação os licenciandos já haviam ouvido falar de Cartografia Tátil. A grande maioria respondeu que não, correspondendo a 71,4% dos que responderam a questão, enquanto apenas 28,6% afirmaram que sim, conforme indica o gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1. Percentual de licenciandos que conheciam a Cartografia Tátil

Cartografia Tátil



Fonte: Elaboração das autoras, 2024.

Nesse contexto, foi possível constatar que o curso de licenciatura ao qual os participantes estão matriculados não abarca todas as discussões relacionadas a metodologias de ensino inclusivas. Nesse caso específico do ensino de Geografia, o curso não conta com

professores com formação específica em Geografia, o que evidentemente pode ocasionar resultados como os que foram obtidos.

O terceiro questionamento se encaminhou para compreender a visão dos licenciandos sobre a importância do conteúdo trabalhado na oficina, ou seja, a Cartografia Tátil como metodologia inclusiva para a formação docente. Todos os participantes que responderam ao questionário afirmaram que sim, como indica as respostas a seguir.

É importante porque nutre nosso conhecimento pedagógico e permite levar esse conhecimento para nossa vivência em sala de aula e com outras disciplinas (A4).

Sim. Como uma forma de nos preparar ainda mais enquanto futuros professores de alunos não videntes, a fim de proporcionar-lhes experiências mais significativas (A9).

Com toda certeza, haja vista que amplia a disponibilização de materiais e recursos para um público que não é tão contemplado quando se trata de inclusão de pessoas com deficiência ou não. E poder pensar novos olhares e possibilitar experiências não somente para uma parcela, mas para toda a escola (A13)

O quarto questionamento teve o objetivo de investigar, a partir da ótica dos discentes, se o conteúdo promovido por meio das oficinas deveria ser inserido no programa do curso. Todos os discentes participantes inquiridos responderam positivamente, argumentando, principalmente, sobre a articulação entre teoria e prática no viés da Educação Inclusiva.

Sim. As intervenções traçaram um caminho bastante articulado, desde a apresentação teórica até a prática. Acredito que todos os estudantes de Pedagogia devem ter experiências relacionadas a inclusão (A5).

Sim, a partir da intervenção é possível pensar na aplicação de materiais adaptados para a inclusão (A11).

Com toda certeza, visto que não é percebida as manualidades de recursos na prática e ainda tendo uma visão inclusiva (A13).

Por fim, o quinto questionamento buscou investigar através da visão dos licenciandos se o curso oferece bases teóricas e metodológicas que viabilizem o trabalho com a inclusão, incluindo o ensino de Geografia, para crianças com deficiência. Em resposta a questão, nove licenciandos disseram que não, justificando que havia teoria, mas, não era suficiente para a promoção da prática, indicando a limitação no tocante à Educação Inclusiva. Uma das respostas que apontavam que sim, justificou que a Pedagogia é um curso amplo.

O curso nos apresenta os fundamentos do pensamento inclusivo e suas teorias, mas infelizmente não traz isso o suficiente para o âmbito da prática (A1).

Nosso curso no campus nos permite várias coisas, dentre elas o pensamento crítico, mas isso não deve limitar novas perspectivas e momentos de inclusão pedagógica (A4).

Sim. Por que acredito que a Pedagogia apresenta como um curso amplo. Um curso que leva em consideração as especificidades dos alunos (A12).

Assim, diante do exposto, entende-se que na visão dos licenciandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, campus Arapiraca, a abordagem e o trabalho com metodologias inclusivas ainda estão pautados em uma visão simplista, necessitando ampliar e aperfeiçoar as bases teóricas e principalmente metodológicas nesse campo. No mais, a partir dos relatos obtidos foi possível identificar a importância e contribuição da oficina realizada na formação destes licenciandos, resultando em um rico processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cartografia Tátil não é uma metodologia nova, no entanto, ainda é discutida de forma acanhada, sendo o trabalho docente desenvolvido a partir dela pouco difundido, tanto nas Universidades, responsáveis pela formação inicial de professores, quanto nas instituições da Educação Básica, onde poderia ocorrer formações continuadas que contemplassem tais conteúdos. Assim sendo, a publicização de trabalhos voltados a temática na academia é fundamental para que as discussões sobre a mesma sejam ampliadas.

Nesse contexto, foi possível, através da investigação realizada constatar, a partir da visão dos inquiridos, que há lacunas no processo formativo inicial dos pesquisados, decorrentes da ausência ou pouco trabalho dedicado a educação inclusiva.

Através do trabalho realizado também foi possível verificar que os licenciandos pesquisados sequer conheciam a Cartografia Tátil, não sendo essa carência suprida pelo curso de formação até o momento da intervenção realizada com os futuros professores.

Evidencia-se, portanto, que o processo de formação docente para o trabalho com um ensino de Geografia voltado para todos, ainda enfrenta vários desafios, sendo a preparação docente nos cursos de formação inicial o mais preocupante.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Lei Federal n. 13.146 de 06 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** – LBI (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 22 mai. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei N° 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e bases da educação nacional. MEC, 1996.

CARMO, W. R. Reflexões sobre formação continuada de professores de Geografia em uma perspectiva inclusiva. In: SOUSA, I. B. JORDÃO, B. G. F. **Cartografia Escolar e Formação continuada de professores**. Curitiba: CRV, 2019, p. 127-138.

CASTELLAR, S. M. V. A Formação de Professores e o Ensino de Geografia. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 51–59, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/374>. Acesso em: 5 fev. 2024.

CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* **Ensino da Geografia: caminhos e encantos**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2013.

GAMA, L. T. S. A. ALMEIDA, J. P. Inclusão, Cartografia Tátil e Formação docente: relato de experiência do Estágio em Docência no Ensino Superior. In: **Ensino e Formação de Professores: diálogos necessários**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2023.

JORDÃO, B. G. F. A Cartografia Tátil na Escola Estadual de São Paulo: contribuições para a formação docente. In: SOUSA, I. B. JORDÃO, B. G. F. **Cartografia Escolar e Formação continuada de professores**. Curitiba: CRV, 2019, p. 91-109.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. 1° ed. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MATTAR, J. RAMOS, D. K. **Metodologia da Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, Quantitativas e Mistas**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2021.

MORAIS, E. G. A Cartografia inclusiva e a formação do pensamento geográfico, In: SILVA, Flávia Gabriela Domingos. ALVES, David de Abreu. **Inclusão e Ensino de Geografia: propostas didáticas para elaboração do pensamento geográfico**. Porto Alegre: Totalbooks, 2023, p. 123-136.

RIBEIRO, V. H.; GHIZZO, M. R. Geografia e Cartografia: breve contextualização histórica. **Revista Percursos** – NEMO, Maringá, v. 4, n. 1, p. 61- 83, 2012.

VENTORINI, S. E. SILVA, P. A. ROCHA, G. F. S. Abordagens da Cartografia Tátil em cursos de formação continuada. *In:* SOUSA, I. B. JORDÃO, B. G. F. **Cartografia Escolar e Formação continuada de professores**. Curitiba: CRV, 2019, p. 111-126.